



O quotidiano brasileiro na crónica contemporânea: João Ubaldo Ribeiro e Alcione Araújo

Lola Geraldés Xavier

Escola Superior de Educação de Coimbra

Palavras-Chave: crónica brasileira contemporânea; *Você me Mata, Mãe Gentil, Urgente é a Vida*.

Keywords: Brazilian contemporary chronicle; *Você me Mata, Mãe Gentil, Urgente é a Vida*.

Introdução

A carta de Pêro Vaz de Caminha a el-rei D. Manuel é considerada, por muitos, como o primeiro momento da crónica brasileira, e, por consequência, da Literatura Brasileira. A crónica contemporânea, porém, está algo distante desse momento histórico-literário, mostrando-se, numa primeira fase, condicionada a um contexto específico, direccionada a um determinado público, circunscrita a um espaço limitado de página de jornal. De facto, a crónica actual brasileira teve o seu ponto de viragem com Paulo Barreto (1881-1921)¹, que finalmente começou a sair da redacção do jornal para vivenciar as experiências que descrevia.

Abundam na crónica jornalística do Brasil vários nomes da literatura brasileira, como Carlos Drummond de Andrade e Vinicius de Moraes. Iremos abordar aqui dois escritores brasileiros contemporâneos, João Ubaldo Ribeiro e Alcione Araújo, que se têm dedicado a este género. Apenas o primeiro tem obra publicada em Portugal. Apesar de João Ubaldo Ribeiro ser, sobretudo, conhecido pelos seus romances, pelo menos em Portugal, já tem vários livros de crónicas, no entanto, optámos por escolher o último, publicado em 2004. É também de 2004 o livro de crónicas de Alcione Araújo, que abor-

¹ Paulo Barreto usava sobretudo o pseudónimo João do Rio.

daremos. Escritor multifacetado, Alcione Araújo iniciou-se há pouco na escrita da crônica², mas com sucessos demonstrados.

Veremos que o empenhamento do cronista é semelhante nos dois casos aqui focados, porém a forma de abordagem das temáticas nacionais e o estilo evidenciarão a peculiaridade de cada um dos escritores escolhidos.

1. João Ubaldo Ribeiro e *Você me Mata, Mãe Gentil*

Nós vivemos num ambiente de lassitude moral que se estende a todas as camadas da sociedade.

João Ubaldo Ribeiro, *Veja*, 18/5/2005, 14.

João Ubaldo Ribeiro, romancista, cronista, jornalista e tradutor, nasceu em 1941, na ilha de Itaparica, Bahia. É licenciado em Direito e pós-graduado em Administração Pública pela Universidade da Bahia; tendo fixado, logo após, residência temporária nos Estados Unidos, onde tirou o Master of Science em Administração Pública e Ciência Política pela Universidade da Califórnia. O conhecimento sobre a ciência política, bem como a preocupação pela política brasileira está bem patente no seu livro: *Política: quem manda, por que manda, como manda* (1981). Viveu também na Alemanha, e a partir do início da década de 80, em Portugal, onde passou um ano.

Iniciou-se no Jornalismo aos 17 anos e tem já uma longa experiência como cronista. É membro da Academia Brasileira de Letras desde 1993. O seu primeiro livro intitula-se *Setembro não tem Fim*, e foi publicado em 1968³. O segundo romance, que marca o início da sua aceitação literária, foi *Sargento Getúlio*, de 1971. Desde aí até

² Como escreve Alcione Araújo: «Quando me convidaram, cerca de cinco anos atrás, não escrevera uma única crônica na vida, embora fosse interessado leitor de outros cronistas, alguns deles meus amigos, como Fernando Sabino, Luiz Fernando Veríssimo, Antônio Torres, Zuenir Ventura e o próprio Ubaldo. A primeira crônica da vida foi escrita já com uma relação profissional com o jornal. Não havia então, como agora não há, nenhuma necessidade financeira, nem a de me tornar mais conhecido, como argumentaram alguns amigos a quem consultei antes de decidir aceitar. E a minha dúvida era exatamente quanto à obrigação, inadiável e incontornável, de escrever todas as semanas. Já escrevera telenovela e sei o que é entregar um capítulo todos os dias. Decidi aceitar ainda temeroso. No entanto, foi uma revelação! Fui descobrindo aos poucos o grande prazer que é escrever crônicas – o que os amigos cronistas já me haviam antecipado» (resposta que gentilmente nos foi enviada por e-mail, 6/10/2005).

³ Da sua obra, estão publicados em Portugal os seguintes livros: *Viva o Povo Brasileiro, O Feitiço da Ilha do Pavão, A Casa dos Budas Ditosos, Miséria e Grandeza do Amor de Benedita, Já podeis da Pátria Filhos (e outras Histórias)* – todas pela Editora Dom Quixote. Está ainda publicado *O Sorriso do Lagarto*, pela Caminho.

hoje, já produziu 15 obras, traduzidas em diversos países. O livro *Viva o Povo Brasileiro* é uma espécie de marco na sua carreira. Considerado um clássico da literatura brasileira, já foi galardoado com os prémios Jabuti (1984) e Golfinho de Ouro (1984).

Já recebeu, de facto, vários prémios, de que se destacam o Prémio Golfinho de Ouro, do Estado do Rio de Janeiro, conferido, em 1971, ao seu romance *Sargento Getúlio*; dois prémios Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, em 1971 e 1984, respectivamente para o Melhor Autor e Melhor Romance do Ano e o Prémio Anna Segher, em 1996 (Alemanha).

Escreveu vários romances de que destacamos, como já referimos, *Sargento Getúlio* (1971), *Viva o Povo Brasileiro* (1984); *O Sorriso do Lagarto* (1989); *O Feitiço da Ilha do Pavão* (1997); *A Casa dos Budas Ditosos* (1999); *Miséria e Grandeza do Amor de Benedita* (2000) e *Diário do Farol* (2002). Destacamos ainda, no conto, a publicação de *Já Podeis da Pátria Filhos* (1981). No que directamente diz respeito às crónicas, são já vários os volumes publicados, nomeadamente, *Sempre aos Domingos* (1988); *Um Brasileiro em Berlim* (1995); *Arte e Ciência de Roubar Galinha* (1998); *O Conselheiro Come* (2000).

Actualmente, escreve crónicas semanalmente para *O Globo* e *Estado de São Paulo*. Assim, escrever crónicas, para João Ubaldo Ribeiro, há muito que é uma rotina, a ponto de o próprio dizer:

Eu gosto de fazer crónicas, principalmente depois que cheguei a desfrutar da liberdade que hoje tenho, falando o que quero e como quero, sem que ninguém interfira. É bom, mas por outro lado cansa. Escrevo crónicas desde os 18 anos, é crónica demais, tenho a impressão de que se alguém procurar com afinco, encontrará duas ou três praticamente iguais⁴.

Na verdade assim é, não só porque o número de crónicas produzido pelo autor é vasto, mas porque os temas se centram na avaliação da vivência do povo brasileiro. Deste modo, por exemplo, o livro de crónicas *Arte e Ciência de Roubar Galinha*, que reúne crónicas de 1981 a 1987, centra-se no universo que o escritor tão bem conhece: Itaparica. *O Conselheiro Come*, por sua vez, reúne crónicas da década de 90, com o autor de regresso ao Rio de Janeiro, tentando apreender o dia-a-dia carioca.

Parece-nos que *Você me Mata, Mãe Gentil* evidencia um cansaço temático que antes não se verificava. Neste livro os temas tornaram-se mais repetitivos e previsíveis, o estilo tornou-se mais acentuadamente coloquial e sarcástico. O olhar sobre a realidade brasileira, apesar de semelhante, destoa pela descrença que o autor, pelos «longos anos de experiência acumulada», coloca na melhoria das condições de vida do povo brasileiro.

⁴ *JL*, 24/3/1999 a 6/4/1999, 10.

Começámos, de forma politicamente incorrecta, pelos aspectos negativos das crónicas deste último livro, porém, é indiscutível o seu valor, não só como meio de «formar opiniões», mas também pelo modo como se tenta despertar o leitor para o estado da nação.

Assim, *Você me Mata, Mãe Gentil* é a reunião de 56 crónicas publicadas no jornal *O Globo*, do Rio de Janeiro, entre 10/1/1999 e 25/4/2004, editadas com a chancela da Nova Fronteira. Num estilo claro, de natureza interpretativa da vivência do quotidiano do brasileiro, sobretudo do carioca, João Ubaldo Ribeiro capta a atenção do leitor quer pelos temas abordados quer pelo estilo utilizado. Apesar do tom de improvisado e do estilo escorrido que por vezes marcam as suas crónicas, é indiscutível a cultura/saber que se vislumbra por detrás dos seus textos, pois só assim se consegue abordar o trágico de forma irónica. De facto, a ironia, marca das suas crónicas, tem vindo a acentuar-se ao longo dos anos, chegando, não raras vezes, a transformar-se em desencanto e sarcasmo. O gosto pela sua pátria fá-lo expor o inconformismo em relação aos vícios de um país que é dos mais ricos e paradoxalmente dos menos desenvolvidos. Neste livro, o autor analisa, pois, o estado do país, num tom freudiano, na sua relação de amor/ódio com a mátria.

O espaço privilegiado destas crónicas é o Leblon⁵, onde mora o escritor. É a partir daí que ele observa atentamente, muitas vezes através da leitura dos jornais, a sociedade que o rodeia. É uma sociedade que ele vem denunciando há décadas e pela qual, apesar da sua ternura pelo Brasil e seus compatriotas, não pode deixar de mostrar desencanto e frustração de esperança, que ainda assim vai sendo renovada, para logo depois abortar. É o exemplo do presidente Lula e do seu governo, um dos alvos privilegiados do autor, nos últimos tempos em crónicas como: «O governo Lula num boteco do Leblon»; «Esse governo de Lula» e «Democracias modernas ou ditaduras mesmo?».

Deste desencanto realista pelo estado do país e da sua luta em denunciar a realidade brasileira, se compreende o título do livro, *Você me Mata, Mãe Gentil*, que é o título da terceira crónica publicada em 31/1/1999. Trata-se de uma crónica em que se enfatiza o sucesso do *melting pot* brasileiro, de forma hiperbólica: «os povos só se misturam aqui» (Ribeiro, 2004: 25). Realmente, João Ubaldo Ribeiro parece defender incontestavelmente esta postura, afirmando:

somos um país de mestiços. O único país onde há mestiçagem (...) As culturas acabam integradas, até os japoneses. Nisto o Brasil é o país mais adiantado do mundo, a nível da humanidade (...) e nós estamos fazendo tudo para perder isso⁶.

⁵ Bairro da zona sul do Rio de Janeiro, onde habitam vários intelectuais e uma classe média-alta.

⁶ Declarações do autor na XII Bienal do Livro, Rio de Janeiro, 15/5/2005.

Histórica e geograficamente estas afirmações compreendem-se. Parece-nos que o universo de referência do autor é sobretudo a Bahia e o início da construção da brasilidade, nas suas várias miscigenações, como podemos constatar em *Viva o Povo Brasileiro*. Porém, se analisarmos bem a (actual) sociedade brasileira veremos que a miscigenação não é, por exemplo, bem acolhida nas classes mais favorecidas. É claro que estas estão em minoria, até porque, como sabemos a riqueza está muito mal dividida no Brasil: «Você tão rica, tão fértil, tão amena, tão bem dotada em tudo e sua prole no estado que se vê por aí» e «Você sempre foi assim, sempre desprezou seus filhos pobres e favoreceu os ricos» («Você me mata, mãe gentil», 26). Neste texto, o autor sintetiza os males que assolam o país e que serão explanados nas restantes crônicas: «Quando será o dia em que não teremos de conviver com a miséria, a iniquidade, a injustiça, a desfaçatez dos poderosos, a insegurança, a falta de esperança?» (ibid.: 28).

A par destes temas, o autor aborda ainda o problema do desemprego; o privilégio dos deputados *versus* a miséria da população em geral; o nepotismo; os vícios da democracia; o distanciamento e a incompetência do Governo.

O país encontra-se, assim, segundo o autor, «em direcção à bestialidade», em «guerra civil» (ibid.: 69), sobretudo o Rio de Janeiro, em que «Ninguém mais nota que vive como se estivesse em guerra, que a cidade se tornou uma selva feroz» («Ainda não chega», 220). Esta guerra civil é caracterizada pelo medo, pelas violações, pela incompetência, pela inépcia e corrupção da polícia e pelos assaltos. Porém, o carioca consegue viver neste clima de insegurança generalizada, tomando providências. Aqui o autor enumera-as, de forma que podem ser vistas como um «manual de sobrevivência» do habitante/visitante do Rio de Janeiro. Vejamos, pois, quais são as providências sugeridas:

Esvaziar a carteira, deixando no bolso o suficiente para que o ladrão não se aborreça e, estressado como o governo diz que andam nossos bandidos, nos dê um tiro (...). Pegar a cópia xerox da carteira de identidade para mostrar ao PM (...). Que mais? O relógio bom, que o pai tirou do pulso e deu à gente quando a gente se formou ou fez 21 anos, nem pensar. O paraguaiano comprado no camelô, que tem até uma certa estampa, serve perfeitamente. Cueca limpa. Não ficaria bem, se o ladrão resolvesse levar nossas roupas e a cueca estivesse em mau estado de apresentação, que é que ele iria pensar de nós? (...) que ela [a mulher da gente] não fique tão bonita, se desleixe um pouco, pois, afinal, crescem as notícias sobre estupradores em todos os bairros. E mais: nada de cartão de crédito, nada de cartão de banco, planos para encomendar um carro blindado no próximo ano, número dos telefones de onde vamos estar para os que ficam em casa («Ainda não chega?», 220-221).

Esta ideia de medo é acentuada em várias intervenções públicas do escritor, como na XII Bienal do Livro, no Rio de Janeiro, deste ano de 2005: «Nós vivemos com medo.

Com medo de sair à rua, com medo de ficar sem medo (...) quando vamos para um país onde não é preciso ter medo, achamos aquilo estranho!»⁷.

O autor aborda ainda a identidade do seu povo, nas crónicas «Complexo» e «A realidade brasileira», definindo o brasileiro como tendo complexo de inferioridade, por ser «um povo atrasado, ignorante e praticante de péssimos costumes» (Ribeiro, 2004: 94), onde «ninguém obedece à lei, ninguém faz nada direito!» (ibid.: 97), apesar da insistência de alguns ao defini-lo como cortês, alegre, hospitaleiro e despido de preconceitos. Esse complexo de inferioridade invalida que o Brasileiro dê valor às coisas de boa qualidade que também se produzem no país, como cosméticos, electrodomésticos, comunicações, etc. e, inclusive, contribui para que menospreze a língua portuguesa, pois o «inglês soa melhor» (ibid.: 58). De facto, o brasileiro tem por modelo os Estados Unidos da América, ao nível comportamental e linguístico. João Ubaldo Ribeiro também não deixa de estar indiferente à guerra no Iraque e ao papel que os Estados Unidos desempenham aí, pois, como refere: «Os Estados Unidos não se acostumaram direito a ser os donos do mundo, tem sido fácil demais» (ibid.: 214). Assim, os brasileiros «morrem de vontade de ser americanos» (ibid.: 215). Daqui também que João Ubaldo Ribeiro chame a atenção, na crónica «Escrevendo muderno» (ibid.: 116-119), para o desleixo que é dado à língua portuguesa. Esta é uma crónica de suprema ironia, na medida em que aglomera em si vários erros de português praticados pelos brasileiros. Consequentemente, enfatiza-se o abuso de adjectivos como «maravilhoso» e «super»⁸, o uso de expressões inglesas e o uso incorrecto da terceira pessoa do plural do verbo «Haver». Esta é, de facto, uma crónica muito bem conseguida pela forma irónica como o escritor tenta registar a oralidade dos seus conterrâneos na pobreza vocabular, nos erros ortográficos, na falta de concordâncias, caricaturando a ignorância:

eu diria mesmo de que essa lei é fruta de falta de ter o que fazer, porque, se não pudemos nos livrarmos de tantas mazelas herdadas da colonização portuguesa, pudemos pelo menos nos livrar de uma língua que nos isola do mundo e atrapalha a nossa ascensão como povo (ibid.: 119).

O Rio de Janeiro mostra-se, assim, caótico, um mundo às avessas. A crónica «Dois pequenos pensamentos» (ibid.: 128-131) evidencia este aspecto ao se centrar sobre a cidade com os seus morros, «na maioria habitados por favelados» (ibid.:130), que usam esquemas para conseguir energia eléctrica de graça (os chamados «gatos»), enquanto os ricos e a classe média sofrem as consequências dos apagões:

⁷ Painel «Crónica do dia-a-dia», XII Bienal do Livro, Rio de Janeiro, 15/5/2005.

⁸ Veja-se os exemplos: «o brasileiro, ele é um povo superalegre, superbom, supercordial, um povo efectivamente maravilhoso» (Ribeiro, 2004: 119).

O resultado é que cada vez mais, a cidade dos não-favelados fica às escuras (...). Embaixo encurralados no escuro (...) os ricos e a classe média, com medo de tudo. Em cima, os excluídos, desfrutando de algo que sempre lhe foi negado pela situação econômica. Fomos nós, colectivamente, que construímos esse cenário de tão pouca gente com muito e tanta gente com pouco. É o resultado de séculos de negligência, arrogância, corrupção, incompetência e imprevidência. Agora quem pode pagar não tem, quem não pode tem (ibid.: 131).

Esta corrupção é, por vezes, na sociedade brasileira, tida como herança portuguesa e o próprio João Ubaldo Ribeiro refere-se a este aspecto numa entrevista à revista *Veja*: «O domínio dos portugueses ocorreu de uma maneira desordenada, desregulada, importando caoticamente a burocracia lusitana, com a corrupção que essa burocracia gera» (*Veja*, 18/5/2005, 14). Porém, é o mesmo João Ubaldo Ribeiro que na crônica «A dedada num boteco do Leblon» (publicada n' *O Globo* a 1/4/2001), toda construída em diálogo entre duas personagens anónimas, e referindo-se à tragédia da queda da ponte de Entre-os-Rios, compara as consequências políticas deste incidente com a morte de 11 trabalhadores numa plataforma da Petrobras, no Brasil:

Até Portugal que é um país pequenininho e que neguinho aqui vive gozando, está dando o exemplo (...) Caiu uma ponte (...) O ministro da Infra-estrutura, com a cara passada de vergonha, foi à TV e anunciou que estava renunciando ao cargo, teve dignidade, fez um haraquiri político! E aqui, você viu alguém nem pensar em renunciar ou se demitir? (112-113).

Esta ideia é reiterada na penúltima crônica do livro, «E onde fica a incompetência?» (Ribeiro, 2004: 250-253). João Ubaldo Ribeiro retoma o problema da pobreza e da incoerência entre a vastidão e a riqueza do país com a equivalente pobreza e a consequente violência que daí advém. Para muitos, como refere o autor, a culpa recai na colonização portuguesa: «Desde pequeno, ouço como teria sido tão melhor se houvésemos sido colonizados pelos holandeses, pelos ingleses, pelos franceses e assim por diante» (ibid.: 250). Porém, para o cronista tal não passa de uma «discussão abestalhada», pois a pobreza, a violência, o tráfico de drogas devem-se à incompetência administrativa e política do governo brasileiro, ainda que ironicamente o autor, para mostrar a opinião geral da população, refira em algumas crônicas⁹ que «deve ser culpa da imprensa, como aliás, quase tudo, se se for ver bem» (ibid.: 170) e a «imprensa é culpada de tudo o que acontece de ruim» (ibid.: 246). Responsabilizar a imprensa pela abordagem da realidade e denuncia de escândalos é o que caracteriza os políticos brasileiros, sobretudo, para se defenderem do indefensável, assim «fechar os jornais e abolir os noticiários resolveria tudo» (ibid.: 167), sugere irónico o autor.

⁹ Como em «Entrevista sincera de um político»; «É possível mesmo?»; e «Eu sou leal».

2. Alcione Araújo e *Urgente é a Vida*

O poder é provisório, o sucesso é temporário e a vida é precária.

Alcione Araújo, *Urgente é a Vida*, 210

Alcione Araújo, nasceu em 1950, em Minas Gerais, é romancista, dramaturgo, argumentista de cinema e televisão, cronista, ensaísta, conferencista. Ex-professor universitário com pós-graduação em Filosofia, escreveu o romance *Nem Mesmo Todo o Oceano* (Editora Record, 1998), finalista do Prémio Jabuti, em 1999. Escreveu peças teatrais, entre as quais *Vagas para Moças de Fino Trato*, *A Caravana da Ilusão*, *Doce Deleite* e *Muitos Anos de Vida*, peça distinguida com o Prémio Molière de Melhor Autor (1984). A sua obra teatral está publicada em três volumes, *Teatro de Alcione Araújo: Simulações do Naufrágio*, pela Editora Civilização Brasileira. Escreveu argumentos cinematográficos de longa-metragem, entre os quais *Nunca Fomos Tão Felizes* (Prémio de Melhor Roteiro nos festivais de Gramado e Brasília) e *Policarpo Herói do Brasil*.

A nossa atenção debruçar-se-á, aqui, no seu último livro, *Urgente é a Vida*¹⁰ (Araújo, 2004), que acaba de ganhar o Prémio Jabuti 2005, na categoria de «conto e crónica». Trata-se do primeiro livro de crónicas, composto por 65 crónicas, resultado das 156 escritas entre 2001 e 2003 e publicadas semanalmente no Jornal *Estado de Minas*. Para além das crónicas semanais que escreve para este diário, é também cronista da revista trimestral *Cidadania Viva*.

As crónicas de Alcione Araújo destacam-se das de João Ubaldo pelos temas universais que abordam, sem esquecer o ambiente nacional que rodeia o escritor. As suas crónicas centram-se em duas temáticas privilegiadas: o amor e o tempo. No geral, o tempo é visto como um sinuoso caminho (Araújo, 2004: 83). Na crónica «Tempo, tempo, tempo» (ibid.: 111-113), este é visto como «embora impalpável, embora invisível, embora incomensurável senão por convenção, é a dimensão mais importante, mais essencial, de todas as dimensões do homem» (ibid.: 111-112). É com a consciência de que «a eternidade não existe» (ibid.: 112), que o escritor apela à urgência da vida, pois como escreve mais adiante: «Se o tempo é finito, há que ser seletivo e urgente» (ibid.: 246), uma vez que há apenas dois «momentos fundamentais da vida: nascimento e morte. Entre os dois se oferece o tempo de ser feliz» (ibid.: 246).

Esta felicidade, parece dizer-nos Alcione Araújo, está sobretudo no amor, pois «somos seres temporais e misteriosos, envolvidos por duas criações fundamentais da nossa própria cultura, o tempo e o amor» (ibid.: 121). Assim, são várias as crónicas em

¹⁰ O autor esteve em Portugal, em Março passado, tendo apresentado este seu livro de crónicas em Lisboa, Coimbra e Porto.

que se tenta dar uma definição de amor: «O amor é o que há de essencial, mas exige demais, entranha-se pele adentro, osso adentro, alma adentro, sacode, balança, estremece, não deixa nada no lugar. É uma embriaguez» (ibid.: 33). Na crônica «O amor começa» (ibid.: 39-42), dá-se uma perspectiva abrangente sobre o amor, nos seus sinais, manifestações e consequências, concluindo-se: «eis a ironia: o que mais se busca é o que menos se conhece. Nunca se saberá se encontrou. Será mesmo este? Não será o seguinte? Ou o anterior? (...) Nada na vida é seguro, eterno, definitivo. Nem a vida o é, por que o amor seria?» (ibid.: 42). No entanto, a perspectiva do cronista é otimista, na forma como encerra a crônica: «O amor acaba, lembra o querido Paulinho Mendes Campos. O amor também começa, lembro-lhe eu» (ibid.: 42).

Este optimismo continua ao longo do livro, num incitar ao amor. Na crônica «Por quem as mulheres se enfeitam» (ibid.: 51-53), o autor escreve: «Amar não arranca pedaço. Ao contrário, recompõe corações dilacerados» (ibid.: 53). Esta ideia é desenvolvida na crônica «Predadores da alma» (ibid.: 77-80), em que o autor sintetiza o que até então tinha dito sobre o amor: «Os que amam tornam-se generosos. O amor expulsa a mesquinha, o egoísmo. Neles sobra o que, em geral, nos falta. E não é apenas o seu olhar que brilha. O ser que ama irradia luz» (ibid.: 77). O olhar de Alcione Araújo não é, porém, condescendente em relação aos seus pares e através de uma personagem feminina, nesta crônica, deixa transparecer essa diferença secularmente repetida: «na verdade, eu não estou procurando homem. Acho que não passam de predadores de alma e caçadores de corpos. Mas vocês nascem assim. Estou aqui para ver se ele me acha» (ibid.: 80). O escritor tem, todavia, consciência de que o amor se adapta à sociedade contemporânea, assim, na crônica «O fim do amor romântico» (ibid.: 175-178), continua a explicar sobre os dois sexos: «Homens são homens nada mais do que homens. E as mulheres nada mais do que mulheres. São seres humanos. Erráticos, contraditórios, frágeis, medrosos, presunçosos e mortais» (ibid.: 176), que se deixam enredar pelo simulacro e jogo teatral da sedução. Assim, com a autonomia económica e a emancipação da mulher, há uma separação mais nítida entre amor e relacionamento, apresentados como «mutuamente excludentes» (ibid.: 177), porque o primeiro é pura subjectividade e não passa pela razão, ao contrário do segundo. No entanto, parece uma incoerência, na medida em que no relacionamento sem amor a ruptura é inevitável, bem como é inevitável «o desenlace do casal que se ama, mas não aprendeu a conviver» (ibid.: 178). Podemos, pois, questionar a razão de tantas interrogações sobre o amor. A resposta é dada em «O ágape da alcoviteira» (ibid.: 191-194): «Como tem sido difícil amar» (ibid.: 191) e apesar da «oferta sexual transbordando», «andamos desamados» (ibid.: 192).

Mas o amor tratado no livro não é apenas o amor bem sucedido entre um homem e uma mulher. É também a paixão, o amor não correspondido, o amor escondido. É ainda o amor maternal/filial, também abordado em «A mãe e o seu filho» (ibid.: 55-58)

e sintetizado com lirismo na frase emotiva do filho: «Se eu morrer e nascer de novo, mãe, quero nascer na sua barriga» (ibid.: 58).

A temática abordada é, porém, extensa, evidenciando problemas não só filosóficos como pragmáticos. É o caso da referência a autores dos vários cantos das artes, da literatura, à filosofia, à música e à pintura: Homero, Dante, Camões, Pirandello, Borges; Foucault, Sartre, Lacan; Vivaldi, Paganini; Renoir e Miró, só para citar alguns. A sua admiração, por exemplo, pelo poeta Carlos Drummond de Andrade, é visível logo na segunda crônica do livro. Por sua vez, a música é «pura forma que emociona (...) acontece mesmo é dentro de cada um de nós, lá onde somos vulneráveis, indefesos e humanos» (ibid.: 61). Porém, «a arte, a fé e o pensamento são economicamente inviáveis» (ibid.: 71), ainda que proporcionem ao sujeito experiências várias:

A arte – especialmente as narrativas dramáticas – é uma forma de adquirir vivências do que não se viveu. Permite que se experimente o sabor sutil de ser herói, salvador, santo, ladrão, conquistador, assaltante, miserável e milionário, amar e ser amado, sem sair da moldura de uma vida pobre e medíocre. Daí o seu fascínio (ibid.: 98).

Esta ideia é ainda repetida, por exemplo, numa entrevista que o escritor dará:

A arte te possibilita adquirir vivências que você não viveu. (...) todas as pessoas procuram as histórias para enriquecer sua experiência de vida e para ver como vive o outro. A história também revela a alteridade – que é como eu encontro o outro em mim, como eu acolho o outro em mim. E com isso eu me enriqueço, na minha vida, com a experiência do outro. Não do acontecimento, da ação; mas da personagem. É por isso que o homem precisa de histórias – e precisa de histórias de sua época, não bastam as histórias do passado¹¹.

Na verdade, não podemos dissociar a arte da cultura. Esta é uma preocupação constante do escritor, que, consciente da baixa escolaridade e precariedade da formação humanista do brasileiro, refere, por exemplo: «quem conhece mais, percebe mais. Ou melhor, a cultura educa a sensibilidade» (ibid.: 101). No entanto, a cultura que prevalece na sociedade brasileira contemporânea é a da indústria do entretenimento, de onde sobressai a televisão, sendo que «A baixa escolaridade, a precária formação humana, a tosca sensibilidade e a falta do exercício da cidadania levaram a audiência brasileira a derrubar um dos pilares do capitalismo: o de que a competição melhora a qualidade do produto. Hoje no Brasil quanto pior o programa, maior a audiência. É a fruição do baixo instinto» (ibid.: 185). Esta afirmação não nos parece, porém, simplesmente adequada ao Brasil. Sendo esta a realidade, o autor em «Meu sonho» (ibid.: 239-242) expõe o seu

¹¹ In FONSECA, André Azevedo da (2003). «A Literatura nos faz múltiplos», entrevista a Alcione Araújo. <http://www.revelacaoonline.uniube.br/portfolio/alcione2.html> (9/10/2003)

ideal de país: «Eu sonho com um Brasil no qual a educação e a cultura sejam entendidas como frutos da mesma árvore sagrada do conhecimento» (ibid.: 238), todavia os vícios do país não permitem que o sonho do autor se realize facilmente, uma vez que:

Como o mito grego, são sete as cabeças da hidra: a insuficiente escolarização da população, a ineficácia do modelo educacional, o aviltamento da atividade do magistério, a educação como negócio, a esquizofrênica separação de educação e cultura, e elitização da cultura, a rendição à cultura de massa (ibid.: 241-242).

A sociedade contemporânea também não oferece as melhores condições da luta contra este estado de coisas, pois a «sociedade de massa é um condicionante incontornável» (ibid.: 157). Se tivermos em consideração a forma como a família se organiza no Rio de Janeiro, o exemplo dado pelo escritor, percebemos o «incontornável» da questão:

Hoje, no Rio de Janeiro, a imagem-síntese da família é um apartamento fechado – o filhos na creche ou na escola, pai e mãe no trabalho. No fim do dia, todos chegam exauridos por um trânsito louco, pelo medo da violência e outros medos. Sentam-se diante da tevê com o prato na mão. Não há mais necessidade da mesa, senão para estudar, jogar baralho e enfeitar o ambiente com uma jarra de flores de plástico. O resto é silêncio (ibid.: 157).

Os temas giram ainda em torno de tragédias domésticas, como em «Réu e juiz» (ibid.: 199-202); do Carnaval, em «Folião enganador» (ibid.: 137-141) e em «Carnaval» (ibid.: 277-280); da prepotência dos Estados Unidos da América, em «Matar e matar» (ibid.: 143-145) e da convivência entre os ricos e os pobres, em «Nós e eles» (ibid.: 27-30). Nesta crônica, por exemplo, enfatiza-se a indiferença, devido à convivência, da classe média e dos ricos face aos marginalizados.

Deduzimos, também, em algumas crônicas, a relação problemática entre o autor e Deus. Finalmente na crônica «Confissões de infância» (ibid.: 187-189), confirmam-se as nossas suspeitas: o autor, quando criança, fora educado dentro dos parâmetros da Igreja, em que «quem não fosse à missa não ganhava dinheiro para ir à matinê do Cine São Carlos» (ibid.: 189). Desta obrigação resultou o afastamento da doutrina e o amor pela arte. No entanto, o autor vai deixando marcas dessa educação nos seus textos através de referências a Deus.

Concluindo

A crônica, pela fronteira entre o jornalístico e o literário, é muito marcada pela transitoriedade e pelo coloquialismo. Em João Ubaldo Ribeiro esse coloquialismo alia-se ao dialogismo, como forma de provocar várias visões sobre o tema abordado e alargar a

perspectiva a outros subtemas, sempre sob o olhar irónico do autor. Na verdade, o coloquialismo, em João Ubaldo Ribeiro, é muitas vezes um pretexto para a abordagem humorística dos assuntos. A tragicidade de alguns destes parece torná-los abordáveis apenas através do olhar irónico e/ou humorístico.

Por sua vez, a localização cronológica da temática não liberta as crónicas de uma certa transitoriedade, ainda que o facto de serem publicadas em livro as liberte parcialmente desse destino. A mudança de suporte implica a mudança de atitude do leitor, permitindo-lhe um leque mais vasto de leitura crítica e de visão de conjunto.

As crónicas de João Ubaldo Ribeiro foram organizadas em livro cronologicamente, com a referência das datas da publicação n' *O Globo*. Tal não sucede nas crónicas de Alcione Araújo, que pelas temáticas que abordam, mais universais, ficaram a ganhar com essa forma de organização. Porém, tanto João Ubaldo Ribeiro como Alcione Araújo são pensadores da sociedade, mas com estilos e enfoques diferentes. Ambos observam o mundo que os rodeia a partir, sobretudo, do Leblon. Ambos se deixam desvendar nas crónicas que escrevem.

João Ubaldo descreve-se como entrado nos sessenta (cf. *Você me Mata, Mãe Gentil*, 197), fala da sua ilha de Itaparica, da sua vida no Leblon, das suas conversas nos bote-cos do Leblon, no seu «vício tabagista» (*Você me Mata, Mãe Gentil*, 82) e acentua a veracidade da generalidade das suas estórias: «de vez em quando eu conto uma mentirinha, mas é caso raro, perfeitamente compreensível para um ficcionista e nunca suficientemente sério» (*Você me Mata, Mãe Gentil*, 176). Faz também um pequeno autorretrato: «não gosto de ser chamado de “formador de opinião” (...) Sou um democrata relutante, tipo Churchill» (*Você me Mata, Mãe Gentil*, 180) e acrescenta: «Entre meus amigos, sou tido como um sujeito bem humorado, alegre e, embora quase sempre ironicamente, otimista» (*Você me Mata, Mãe Gentil*, 218). Devido talvez à incompreensão de alguns leitores em relação ao seu discurso irónico, por vezes, vê-se obrigado a alertar: «Atenção, leitores, este último período é ironia» (*Você me Mata, Mãe Gentil*, 201).

As suas crónicas, apresentam-se muitas vezes em discurso directo, em *action story*, enfatizando a criatividade do povo brasileiro nos esquemas que inventa para roubar, para conseguir dinheiro, para lidar com a inflação, numa sociedade de «secular hipocrisia e cultura do puxa-saquismo» (*Você me Mata, Mãe Gentil*, 65). Porém, independentemente dos processos de estilo que use tem consciência de que «escrever e denunciar surtem bem pouco efeito» (*Você me Mata, Mãe Gentil*, 230).

Resumindo, João Ubaldo Ribeiro, que não é um pessimista, antes um realista, dirige-se aos seus «pacientes leitores» (*Você me Mata, Mãe Gentil*, 68), para criticar o estado da nação brasileira, a subserviência cultural, a educação, a violência urbana, os desacertos económicos, os escândalos políticos, a dengue, a crise energética, a corrupção e a incompetência administrativa, questões em torno das quais se geram as suas crónicas.

Por seu turno, Alcione Araújo coloca mais a tónica em si, definindo-se como um «anti-Sartre» (*Urgente é a Vida*, 86), passando de «adolescente tímido e contemplativo» (*Urgente é a Vida*, 273), a adulto reservado¹². A crónica «Diante do espelho» (*Urgente é a Vida*, 85-89) parece ser um auto-retrato onde o autor descreve os seus hábitos, como andar os seus oito quilómetros diários entre o Leblon—Arpoador—Leblon; comer uma maçã enquanto lê antes de se deitar; não aguentar a culpa que traz a perda de tempo; não apreciar comer ao pé de mulheres perfumadas, só para referir alguns exemplos. Em «Se eu fosse o que sou» (*Urgente é a Vida*, 123-125) é mais uma vez a análise do «eu» cronista que se desvenda. E desvenda a sua «primeira grande tragédia» (*Urgente é a Vida*, 124) de vida: o não poder jogar futebol devido ao uso de óculos desde os oito anos de idade e o conseqüente desenvolvimento da «síndrome de rejeitado» (*Urgente é a Vida*, 124) e de «Quasímodo» (274). Esta auto-análise continua a ser realizada na crónica «O cronista abre o peito... e não há nada» (*Urgente é a Vida*, 131-133), onde se define como idiossincrático e reitera o desagrado pelo perfume numa mulher ao jantar, e o facto de não fumar nem beber, já invocados em «Diante do espelho». Acrescenta ainda que não suporta «estar próximo de pessoas que falam alto», fazer a barba ou lavar os dentes (*Urgente é a Vida*, 133). Em «A arte da conversação» (*Urgente é a Vida*, 211-214), por exemplo, o cronista confessa-se «misantropo irremissível» (*Urgente é a Vida*, 211), mas que gosta de cultivar a conversação, acrescentando: «Falo pouco, mas vivo rouco de tanto ouvir» (*Urgente é a Vida*, 211). Esta ideia é completada na crónica «A descoberta da lentidão» (*Urgente é a Vida*, 227-230), onde se compara a John Franklin: «eu (...) nasci lento; embora não tanto quanto ele. Mas tenho natureza contemplativa, falo pausado, olho devagar e prefiro andar sem pressa» (*Urgente é a Vida*, 228)¹³.

Como referimos anteriormente, Alcione Araújo não deixa o leitor indiferente, não só através das suas reflexões filosóficas, da sua preocupação com a condição humana, como da constatação do atraso no processo de desenvolvimento social do país, referindo-se à educação, à cultura e ao analfabetismo funcional dos seus compatriotas.

Concluindo, estes dois escritores-cronistas, com o seu estilo próprio, fazem cumprir a função da crónica, na medida em que aprofundam as notícias e provocam uma reflexão sobre as relações entre factos e pessoas e entre estas e o mundo. Enquanto testemunhos histórico-literários, as crónicas de João Ubaldo Ribeiro e de Alcione Araújo

¹² Como refere: «detesto ir aonde há muita gente» (*Urgente é a Vida*, 85).

¹³ Na auto-caracterização que faz de si, o autor parece aproximar-se de Alcione, ave dos mares, dedicada a Tétis, símbolo de paz e tranquilidade – cf. Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, 1994, 49. O escritor dirige-se, assim, ao seu «caro leitor ou leitora» (*Urgente é a Vida*, p. 43 e p. 45), desvendando o seu «eu», pois como ele refere, questionado por nós sobre a veracidade destas crónicas: «são absolutamente reais, sinceras e verdadeiras. Descobri que o leitor se interessa mais do que pela ficção pela maneira com que o cronista vê, percebe e sente o mundo» – Resposta dada por e-mail, 6/10/2005.

são uma contribuição importante não só a nível literário, como a nível da apreensão/descrição da sociedade brasileira sua contemporânea e da relação de cada um com o mundo envolvente.

Bibliografia

- ARAÚJO, Alcione (2004). *Urgente é a Vida*. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record.
- CHEVALIER, Jean e Alain Gheerbrant (1994). *Dicionário dos Símbolos*. Lisboa: Teorema.
- FONSECA, André Azevedo da (2003). «A Literatura nos faz múltiplos», entrevista a Alcione Araújo. <http://www.revelacaoonline.uniube.br/portfolio/alcione2.html> (9/10/2003).
- LIMA, João Gabriel de (2005). «Entrevista a João Ubaldo Ribeiro: Somos um país de corruptos». *Veja*, 18/5/2005, 11-15
- RIBEIRO, João Ubaldo (2004). *Você me Mata, Mãe Gentil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- SÁ, Jorge de (2005). *A Crônica*. São Paulo: Editora Ática.
- SANTOS, Denise Salim (2000). *Os processos de palavras na crônica jornalística de João Ubaldo Ribeiro: a alquimia do riso*. Universidade do Rio de Janeiro (tese de mestrado policopiada).
- VASCONCELOS, José Carlos de (1999). «João Ubaldo Ribeiro. O feitiço da escrita». *Jornal de Letras*, 24/3/1999 a 6/4/1999, 9-12.

Resumo: Pretende-se, com este texto, dar a conhecer dois escritores brasileiros contemporâneos na sua vertente de cronistas: João Ubaldo Ribeiro e Alcione Araújo. Abordaremos sobretudo as temáticas tratadas e o estilo usado em cada um, no último livro de crônicas publicado no Brasil.

Abstract: This paper aims to discuss chronicles written by two contemporary Brazilian writers: João Ubaldo Ribeiro and Alcione Araújo. In particular, we will discuss the theme and the style used by each one of them in the latest chronicle book published in Brazil.